

Duas ou mais palavras de apresentação

A literatura portuguesa não está para a brasileira e para a africana como a matriz para as duas sucursais e nem como o original para as suas versões. Nem tampouco o contrário é verdadeiro. Mas se sublinho pelo absurdo estas relações é porque de uns tempos a esta parte a literatura portuguesa no Brasil tem padecido tanto do ressentimento de ter sido a literatura da metrópole quanto do descuido indevido a uma literatura estrangeira - no sentido mais restrito -, coisas que, afinal, ela não é. Mesmo se fosse - e a pobre da literatura francesa (entre outras) que o diga ! - é grave descuidar daquilo que nos é distante ou estranho só porque é tarefa obrigatória e necessária, hoje em dia, recuperar este Brasil ausentado de si mesmo por tanto tempo. Não digo que não seja urgente o nacional, mas como avaliá-lo e transformá-lo se não se tem como referência o outro, neste caso, tão próximo?

Todos vivemos à mercê do momento político. É por isso que, devido à nossa crise atual, entramos numa fase de superestima da cultura brasileira: o movimento editorial do nosso país não pode se arriscar a se empenhar em nada que não seja, em termos de literatura, o óbvio - devidamente conferido - ou o estritamente nacional. Senão, já se sabe, não vende. E como as relações

de mercado decorrem do interesse do consumidor pela mercadoria e o interesse por esta é suscitado pelos prolongamentos editoriais (a máquina de divulgação, a imprensa promocional), só se aposta, quando muito, na certeza, ou seja, naquilo que, para os portugueses de Portugal, já se consagrou. É por isso que, aqui, a literatura portuguesa é presa do considerável atraso que sofrem as notícias quando da travessia do Atlântico, navegação feita, no nosso caso, ainda por caravelas. Assim, a literatura portuguesa no Brasil está na década de 20 e aparece para nós - pura ignorância! - como se depois de Fernando Pessoa ela tivesse findado.

Claro está que o salazarismo assim o teria preferido e que também o prefere e até o promoveu - por mera vocação pela mesmice - uma certa facção acadêmica que - por casualidade? - tem-se dedicado à cultura portuguesa neste país. A isto se ajunte o cabresto que as nossas Universidades adotaram, olhos postos em desassossego única e exclusivamente no pragmatismo canhestro dos currículos de 19, 29 graus & companhia íntima Ltda - os vestibulares -, e veremos que não só a literatura portuguesa mas tudo o que se refere a além do limite do utilitário se reduziu, no máximo, a um tacanho panorama de generalidades. E para dizer tudo, a literatura portuguesa acabou por ser transformada - também em virtude desta falsa bandeira "ensino para a vida prática" - numa perfeita e bem acabada piada de portugueses à jocosa maneira brasileira.

O mesmo já não ocorre com a literatura africana que, só recentemente, começa a ser conhecida e que, por isso mesmo, não tem no Brasil uma tradição crítica. No entanto, se essa situação pode beneficiar a sua divulgação no nosso país, ela não está livre de ser assimilada por duas atitudes bastante discutíveis: a sua inserção na esfera do exótico ou do folclórico e a sua redução a objeto de um olhar complacente e, o que é pior, paternalista.

Mas antes que esta Apresentação se encaminhe decididamente para o panfleto e para o manifesto, me apresso a dizer que estes modestos Estudos Portugueses e Africanos não têm a ilusão de serem os salvadores da pátria - a lusitana e as africanas. Sua existência faz parte de um esforço para criar um espaço de documentação, estudo e divulgação das literaturas de expressão portuguesa de além fronteira, livre da pecha de anacronismo, conservadorismo ou exotismo: o fundamental é não só atualizar o contato com essa produção literária mas também reavivar, à luz de enfoques analíticos não sacramentados, as obras do passado - consagradas ou não. Esta é a tarefa prioritária do recém-instituído Núcleo de Estudos de Cultura e Expressão Portuguesa (NECEPO), órgão criado no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da UNICAMP, cuja aspiração mais longínqua é a de averiguar, de dentro da nossa cultura, a existência de um solidariedade - entre as literaturas portuguesa, brasileira e

africanas - que talvez não seja somente lingüística.

Maria Lúcia Dal Farra.

UNICAMP, março de 1983.